

USO DA RITALINA PARA O MELHORAMENTO ACADÊMICO NOS CURSOS DE ENFERMAGEM E FARMÁCIA

Amanda Parreira Conceição¹
Bibiane Queiroz Freitas²
Pablo Henrique Delmondes³
Mauro Afonso da Silva Borges⁴

RESUMO: Metilfenidato, conhecido popularmente por Ritalina, é um fármaco estimulante do sistema nervoso central. O objetivo desse estudo foi determinar a utilização de medicamentos psicoestimulantes, sem prescrição médica, por estudantes dos cursos na área da saúde. Foram feitos 40 questionários com questões fechadas nos 4ºanos de enfermagem e farmácia com intuito de analisar a utilização da ritalina, se houve eficácia ou houve efeito adverso e fez a utilização por um tempo adequado. Os resultados deste estudo mostram a utilização por acadêmicos tanto no gênero feminino e masculino que resultou em 12,50% usuários e 87,50% que não fizeram o uso da droga. Este estudo teve como intuito avaliar o consumo de estimulantes cerebrais, em relação a utilização e conhecimento dos medicamentos, sobretudo a automedicação. Embora não representam a maioria dos estudantes é um ponto de partida para futuros estudos, analisando a forma com que esses acadêmicos adquirem essas substâncias ou mesmo a pretensão futura de uso.

Palavras-chave: Metilfenidato. TDAH. Transtorno da falta de atenção com hiperatividade. Automedicação.

ABSTRACT: Methylphenidate, popularly known as Ritalin, is a central nervous system stimulant drug. The objective of the project was to determine the use of psychostimulant medications, without medical prescription, by students of the courses in the health area. 40 questionnaires were made with closed questions in the 4th years of Nursing and pharmacy in order to analyze the use of Ritalin, there was efficacy, there was an adverse effect and made the use for an adequate time. The results of this study show the use by academics both in females and males, which resulted in 12,50% users and 87,50% who did not use the drug. This study aimed to evaluate the consumption of brain stimulants in relation to the use and knowledge of medications, especially self-medication. Although they do not represent the majority of students it is a starting point for future studies, analyzing how these scholars acquire these substances or even the future pretense of use.

Keywords: Methylphenidate. ADHD. Lack of attention disorder with hyperactivity. Self-medication.

¹ Acadêmica do curso de Farmácia do Centro Universitário do Vale do Araguaia (UNIVAR). Barra do Garças/MT, Brasil. E-mail: amandaparreira54@gmail.com.

² Docente do UNIVAR. Barra do Garças/MT, Brasil. Mestre em Imunologia e Parasitologia Básicas e Aplicadas pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Especialista em Docência no Ensino Superior pelo UNIVAR. Bacharel em Farmácia pela UFMT. E-mail: bifreitas1819@gmail.com.

³ Docente do UNIVAR. Barra do Garças/MT, Brasil. Mestre em Ciências de Materiais pela UFMT. Bacharel em Farmácia pelo UNIVAR. E-mail: pablohdeldelmondes@hotmail.com.

⁴ Docente do UNIVAR. Barra do Garças/MT, Brasil. Mestre em Imunologia e Parasitologia Básicas e Aplicadas pela UFMT. Especialista em Saúde Coletiva e em Docência no Ensino Superior pelo UNIVAR. Licenciado em Ciências Biológicas pela UFMT. E-mail: mauro@univar.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

A Ritalina (Metilfenidato) é um dos estimulantes mais prescritos para o tratamento de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDHA), que é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. Ele é chamado às vezes de DDA (Distúrbio do Déficit de Atenção). Embora também há casos de uso para transtorno depressivo que possam beneficiar-se desse medicamento (CESAR *et al.*, 2012). Serve para aumentar a concentração e o foco. Porém, devido aos riscos de abuso e potenciais efeitos colaterais negativos que são eles a redução de apetite, insônia, cefaleia e dor abdominal, e os efeitos de longo prazo consiste em alterações discretas de pressão arterial e frequência cardíaca e uma possível discreta diminuição da estatura, precisa ser usado sob escrito acompanhamento médico. A saber, a dosagem exata para cada pessoa somente pode ser estabelecida pelo médico, que é o único profissional que pode prescrever medicamentos. Esse medicamento tem como mecanismo de ação o estímulo de receptores alfa e beta-adrenérgicos diretamente, ou a liberação de dopamina e

noradrenalina dos terminais sinápticos (PASTURA; MATTOS, 2004). Tornou-se cada vez mais comum encontrá-la em faculdades de medicina, cursos pré-vestibulares, startups e até mesmo em grandes empresas, já que ganhou o apelido de “pílula da inteligência” devido a sua capacidade de aumentar a concentração e de driblar o cansaço. Com isso, estudos são comprovados que devido às exigências e cobranças do meio acadêmico, estudantes cada vez mais sentem a necessidade de melhora no desempenho, com isso procuram o medicamento para obter mais efetividade em trabalho, estudos e projetos (MAHER, 2008). Foram comprovados que em certas escolas dos Estados Unidos da América (EUA), um terço dos alunos utilizam a Ritalina, apesar de muitos deles não terem o transtorno de déficit de atenção. Em um certo estudo que avaliou o uso de anfetaminas para melhoramento no acadêmico, 94,8% dos estudantes não tinham o diagnóstico de TDAH, enquanto 14,6% afirmaram fazer uso dessas substâncias para melhorar seu rendimento (SILVA JÚNIOR *et al.*, 2016).

Nos cursos da área da saúde, a carga horária extensa, o vasto conteúdo de matérias e a grande pressão por resultados positivos podem constituir um conjunto de fatores que estimulam a utilização, sem

prescrição, desta classe de medicamentos. Pois, promove efeitos estimulantes, aumentando a concentração (PASQUINI, 2013). Foram observados a utilização da Ritalina pelo gênero feminino para a finalidade de perda de peso correspondendo 40% nas amostras avaliadas. Tsuda e Christoff (2015) observaram que é um dado preocupante, uma vez que ainda são desconhecidos os efeitos colaterais ao longo prazo do uso e abuso desse fármaco sobre o organismo humano acadêmicos continuam fazendo o consumo sem o conhecimento. Como objetivo do projeto foi levantar o índice de acadêmicos nos cursos de enfermagem e farmácia que já utilizaram o medicamento sem prescrição médica relataram nos questionários aplicados que o o motivo que levaram a fazer o uso do metilfenidato foi o suposto melhoramento acadêmico. Nos

2 METODOLOGIA

Este estudo é um tipo analítico observacional de corte transversal de abordagem quantitativa, onde foi analisado a frequência do uso de Ritalina por acadêmicos nos 4º ano de Enfermagem e Farmácia no Centro Universitário do Vale do Araguaia, foram aplicados questionários no dia 11 de junho de 2019. As variáveis coletadas foram: gênero, idade, curso, utilização ou não da Ritalina, se houve

questionários aplicados foram questionados se os acadêmicos usuários do fármaco sentiram resultado ao uso da Ritalina, com objetivo de verificar o possível rendimento nos estudos. O projeto sobre a Ritalina para o melhoramento acadêmico nos cursos de enfermagem e farmácia, teve uma grande importância em mostrar o quanto estudantes tem feito o uso dessa droga sem se quer conhecer os efeitos colaterais que este medicamento proporciona e as graves consequências que pode gerar para sua saúde, que para eles é apenas uma melhora no desempenho estudantil. Mostrando que a Ritalina é um medicamento indicado para transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em crianças, e seu uso abusivo tem aumentado cada vez mais por acadêmicos que necessitam de concentração para seus estudos.

eficácia, se houve efeito adverso e se fez utilização por um tempo adequado.

Assim totalizando em 40 questionários respondidos, 22 no curso de enfermagem e 18 no curso de farmácia com estudantes do gênero feminino e masculino, com idade média de 20-25 anos. Os critérios de inclusão foram 35 questionários respondidos que não fizeram o uso do fármaco e 5 questionários

responderam que sim já fizeram o uso, colocando em vista que grande porcentagem respondeu que o motivo do uso foi para o melhoramento acadêmico, como Comitê de Ética foi solicitado que os

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo mostram que o uso de metilfenidato entre os estudantes, sobretudo universitários, ocorre com uma frequência que coloca este grupo de população em risco à saúde. Os artigos que foram avaliados para este estudo mostram que a circunstância que levam estes estudantes a fazerem o consumo desse medicamento é o possível rendimentos nos estudos.

Dos resultados avaliados em 40 questionários respondidos por acadêmicos, mostram que 12,50% dos participantes fizeram o uso do medicamento, enquanto 87,50% responderam que nunca fizeram o consumo da droga. O perfil dos entrevistados evidenciou que maior número de participantes era do sexo feminino com 60,00%, agora com relação ao grupo etário, havia maior número de participantes entre 20 e 25 anos. Cruz *et al.* (2011) também usou como instrumento de coleta questionários que evidenciaram ao todo, 58,1% dos entrevistados foram do sexo masculino e a média de idade foi 22,5 ± 2,8 anos. Foi de 8,6% (16/186) a

acadêmicos assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – (TCLE). Os dados foram digitados em forma de tabela e gráfico no *Microsoft Excel*.

frequência de alunos usuários de metilfenidato, em algum momento da vida escolar; desses, 87,5% indicaram o aumento de rendimento na faculdade como razão para o uso da substância. Os homens foram os mais frequentes usuários pelo consumo desse psicoestimulantes; e entre o total de usuários, a maioria (75,5%) afirmou saber onde comprar metilfenidato sem receita médica; e 35,5% conheciam colegas da faculdade que faziam uso não-prescrito de metilfenidato. Assim como nos estudos de Cordeiro e Pinto (2017) foram aplicados formulários compostos com 10 perguntas referentes ao tema, de forma anônima, no período de novembro de 2015. Participaram 793 acadêmicos, 70,9% do sexo feminino e 29,10% do masculino, com idade predominantemente entre 18 e 25 anos. Mostrando que o metilfenidato foi o medicamento que apresentou efeitos colaterais entre os usuários. E o consumo de psicoestimulantes é considerado um comportamento de risco, principalmente pelo seu potencial elevado de efeitos

adversos. Nos questionários aplicados foram questionados se houve efeito adverso e quais foram eles, e os acadêmicos que fizeram o uso responderam que houve efeito adverso após o uso do medicamento e entre eles foram: dor de cabeça, insônia, ansiedade e irritabilidade. Pastura e Mattos (2004) também observaram que a redução de apetite e insônia são os principais efeitos adversos colaterais do metilfenidato. Como efeito principal a dor abdominal e cefaléia. Para Pessanha e Mota (2014) a conscientização dos universitários que fazem a utilização do metilfenidato sem prescrição é de grande importância, pois, muitas vezes, eles visam aos benefícios e esquecem os malefícios que esse medicamento pode trazer. Dentre os acadêmicos que utilizaram o medicamento 2 são homens, representando 40,00% da amostra masculina e 3 são do sexo feminino, representando cerca de 60,00% das mulheres que participaram da pesquisa.

Tabela 1 – Utilização, Eficácia, Cursos de utilização e circunstância do uso da Ritalina por acadêmicos da UNIVAR, Barra do Garças-MT.

(continua)

Variáveis	n	%
Utilização (n=40)		
Sim	5	12,50%
Não	35	87,50%

Tabela 1 – Utilização, Eficácia, Cursos de utilização e circunstância do uso da Ritalina por acadêmicos da UNIVAR, Barra do Garças-MT.

(conclusão)

Variáveis	n	%
Eficácia (n=5)		
Sim	2	5%
Não	3	7,5%
Cursos com utilização (n=5)		
Enfermagem	2	5%
Farmácia	3	7,5%
Circunstância do uso (n=5)		
Melhoramento acadêmico	3	7,5%
Influência de amigos	2	5%
Outros	0	0%

Brant e Carvalho (2012) comentam que além dos universitários, empresários e profissionais da área de saúde são também um importante grupo de usuários. Talvez pela grande cobrança de rendimento e o fato de ser um curso muito exigente comparado aos outros. Estudos avaliaram que o uso de metilfenidato em pelo menos uma vez durante a vida universitária identificou uma prevalência entre 8,3% e 9% como foi observado por Teter *et al.* (2006). Nesse trabalho, foi avaliado o uso não prescrito da droga por uma população específica de universitários da área de saúde que apontaram que a circunstância do uso desse medicamento foi para o melhoramento acadêmico, porém esses acadêmicos relataram que o uso desse fármaco foi apenas nas semanas de

provas. Os motivos para consumo de estimulantes mais alegados pelos estudantes neste estudo foram os mesmos observados em pesquisas prévias.

Das pessoas que fizeram o uso indiscriminado, 12,50% informaram ter apresentado efeitos adversos, sendo mais frequentes, dores de cabeça, insônia e perda de apetite, respectivamente. Resultando em 38% de dores de cabeça (cefaléia) sendo o efeito adverso mais presente após o uso do metilfenidato. Mesmo apresentando efeitos adversos, continuaram fazendo o uso da droga de acordo com as necessidades da faculdade. E ainda 100,00% dos que fizeram o uso sentem-se que não houve melhora no rendimento escolar.

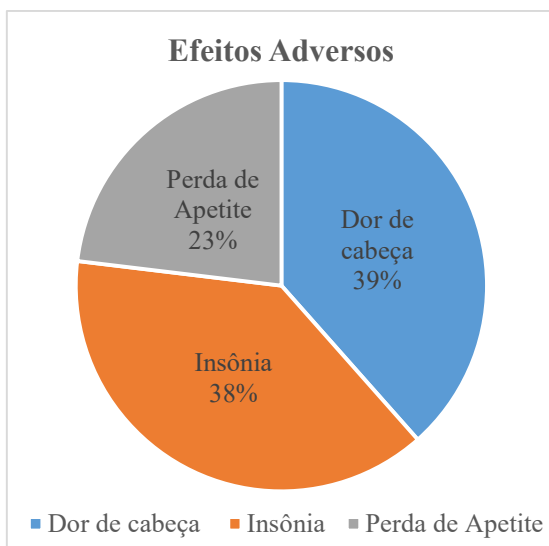


Figura 1 – Efeitos Adversos sobre o uso da Ritalina por acadêmicos nos cursos de enfermagem e farmácia da UNIVAR, Barra do Garças-MT.

Com base nos resultados dos questionários aplicados observa-se que 7,5% dos acadêmicos que fizeram o uso do fármaco para o melhoramento acadêmico são do curso de farmácia e com 5% são do curso de enfermagem, mostrando que mesmo o estudante de farmácia tendo um conhecimento maior sobre a farmacologia dos riscos da automedicação sem prescrição médica ainda é o número maior de usuários.

Aquino, Barros e Silva (2010) observou-se que 90,4% dos estudantes de medicina de diferentes períodos do curso afirmaram não procurar um médico por acreditarem não ser necessário. Segundo os autores desse estudo, essa autoconfiança é adquirida por informações obtidas em propagandas, na internet ou mesmo em sala de aula.

Percebemos que a maioria dos estudantes que faz o uso indiscriminado da substância relata ter apresentado algum efeito colateral após o término. Por outro lado, apesar disso, alguns desses acadêmicos vêem algumas vantagens na sua utilização como o aumento da capacidade de concentração e uma melhora do rendimento acadêmico após o início do uso.

Os relatos dos universitários quanto ao uso do metilfenidato para melhorar o desempenho acadêmico resultaram sobre

pontos importantes no contexto de saúde pública.

A pressão social para melhorar o desempenho foi a principal motivação levantada, onde surgiu a percepção de que a cobrança social uma postura competitiva na melhora estudantil, tanto com os outros como consigo mesmo, e essa prática no contexto do ambiente acadêmico é tida como desleal, uma vez que o fármaco melhoraria uma capacidade que a pessoa não tem naturalmente (BARROS; ORTEGA, 2011). Fardin e Piloto (2015) destacam em suas pesquisas que o metilfenidato chegou ao Brasil em 1998 e que em 2011 foram vendidas 1.212.850 de até 10 anos de idade que estavam fazendo o uso de metilfenidato foi identificado que em 32% diziam estar fazendo uso *off-label* da substância que é quando um medicamento é utilizado para uma indicação diferente daquela que foi autorizada pelo órgão regulatório de medicamentos em um país, e para as quais não existem bases científicas adequadas, destas 43% apresentaram efeitos adversos graves. Houve relatos em 38 adultos, dos quais 84% foram identificados como uso *off-label*, sendo que 33% relataram algum efeito adverso. Dos efeitos mais comuns estão os efeitos neuropsiquiátricos, seguido de efeitos secundários cardiovasculares e cutâneos, havendo relatos em 13,3% dos casos. Mostrando os grandes riscos, dessa

forma, os usuários estão respondendo ao que a sociedade espera deles uma produtividade a qualquer custo, ainda que seja colocarem sua saúde em risco.

Morgan *et al.* (2017) mostra que o consumo de estimulantes apresentou um padrão diferenciado quanto aos períodos do curso, sendo maior nos períodos finais e iniciais. Isso justifica o fato de que nas séries iniciais há uma mudança na rotina dos estudantes ao começar um curso superior, e nos períodos finais há uma maior busca pela qualificação profissional, resultando em maior índice do consumo de estimulantes cerebrais. Concluindo que a Ritalina deve ter seu uso apenas por portadores de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), se o consumo desse fármaco for desnecessário ao invés do benefício do melhoramento na concentração, irá provocar uma série de reações adversas prejudicando o organismo (RASCADO *et al.*, 2014).

Atualmente, o medicamento tornou-se uma das ferramentas mais utilizadas na vida dos jovens que estudam. Apesar dos vários efeitos adversos não o dispensam, refletindo no aumento de consumo do metilfenidato no Brasil. Ressalta ainda no estudo que, o uso do medicamento é de uso não-médico é mais frequentes em semanas de provas.

A pesquisa foi feita por 40 participantes, resultando com 5 acadêmicos

usuários 12,50%, sendo assim com número maior no curso de farmácia com 7,5%. Evidenciando a necessidade de promover meios de conscientização do perigo do uso indiscriminado do metilfenidato e da automedicação. O projeto tem como grande responsabilidade de mostrar que quem usa sem necessidade pode, além desse quadro, criar dependência química. “Os psicoestimulantes têm baixo potencial de dependência, mas quando ingeridos de maneira abusiva e sem prescrição médica, em doses cada vez maiores, causam a necessidade de uso constante. Em doses

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal em avaliar o consumo do metilfenidato por futuros profissionais da saúde do Centro Universitário do Vale do Araguaia, mostrando em relação à utilização e conhecimento sobre esse medicamento, e a prática da automedicação. Com esses resultados levantados universidades devem ficar atentas aos comportamentos desses estudantes que precisam de um direcionamento e aconselhamentos dos grandes riscos à saúde que eles correm ao fazer a automedicação entre eles. Com isso, diante dos resultados obtidos, é possível observar que a maioria dos acadêmicos que fizeram o uso da ritalina

altas, pode dar euforia e sensação de prazer. Pois o Brasil representado por esses estudantes desconhece o tamanho do risco relacionado ao mau uso de remédios que são somente para indicação médica.

Finalmente aos achados do estudo, se reflete sobre o risco aumentado para o desenvolvimento do uso abusivo e da dependência física, principalmente quando não há uma condição patológica, diagnosticada que justificaria a prescrição do metilfenidato, motivo pela qual a comercialização dele é controlada com receituário especial.

tem como maior circunstância de uso o melhoramento acadêmico. Assim as devidas providências por sanitaristas devem ser tomadas, aumentando o controle de venda do medicamento e colocando uma fiscalização mais rigorosa aos distribuidores do fármaco, pois a indicação deste são para pessoas que apresentam TDAH, colocando em vista que a distribuição do medicamento por condições éticas e legais deve ser apenas para essa finalidade. Conclui-se que o uso indiscriminado do metilfenidato tem aumentado da vez mais, colocando grandes riscos à saúde destes acadêmicos. Para conscientizar a população órgãos da saúde pública devem fazer campanhas para

demonstrar que o consumo do medicamento por automedicação a grandes riscos de efeitos colaterais, além também de oferecer um acompanhamento adequado aos pacientes que fazem o uso desse fármaco. E como objetivo foi determinar a utilização de medicamentos psicoestimulantes, sem indicação médica,

por estudantes dos cursos na área da saúde do Centro Universitário do Vale do Araguaia – (UNIVAR). Com objetivos específicos de levantar o índice de acadêmicos que utilizaram o medicamento sem prescrição médica, a avaliação do conhecimento sobre os efeitos adversos desse medicamento.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 2533-2538, 2010. e-ISSN 1678-4561. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000500027>.

BARROS, D.; ORTEGA, F. Metilfenidato e aprimoramento cognitivo farmacológico: representações sociais de universitários. **Saúde de Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 350-362, abr./jun. 2011. ISSN 0104-1290. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-12902011000200008>.

BRANT, L. C.; CARVALHO, T. R. F. Methyphenidate: medication as a *gadget* of contemporary life. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 16, n. 42, p. 623-636, jul./set. 2012. ISSN 1414-3283. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012000300004>.

CARVALHO, F. R. T.; BRANT, C. L.; MELO, B. M. Exigências de produtividade na escola e no trabalho e o consumo de metilfenidato. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 127, p. 587-604, abr./jun. 2014. e-ISSN 1678-4626. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000200014>.

CESAR, E. L. R. *et al.* Uso prescrito de cloridrato de metilfenidato e correlatos entre estudantes universitários brasileiros. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 39, n. 6, p. 183-188, nov. 2012. ISSN 0101-6083. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-60832012000600001>.

CRUZ, T. C. S. C.; BARRETO JUNIOR, E. P. S.; GAMA, M. L. M.; MAIA, L. C. M.; MELO FILHO, M. J. X.; NETO, O. M.; COUTINHO, D. M. Uso não-prescrito de metilfenidato entre estudantes de Medicina da Universidade Federal da Bahia. **Gazeta Médica da Bahia**, [s. l.], v. 81, n. 1 p. 3-6, jan./jun. 2011.

FARDIN, C. E.; PILOTO, J. A. D. R. Uso indiscriminado do metilfenidato para o aperfeiçoamento cognitivo em indivíduos saudáveis. **UNINGÁ Review**, Maringá, v. 23, n. 3, p. 98-103, jul./set. 2015. e-ISSN 2178-2571.

MORGAN, H. L. *et al.* Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: prevalência, motivação e efeitos percebidos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 41, n.1, p. 102-109, janeiro 2017. e-ISSN 1981-5271. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1rb20160035>.

PASQUINI. Uso de metilfenido (MFD) por estudantes universitários com intuito de “turbinar” o cérebro. **Biofar**, Campina Grande, v. 9, n. 2, p. 107-113, jun./ago. 2013. ISSN 1983-4209.

PASTURA, G.; MATTOS, P. Efeitos colaterais do metilfenidato. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 100-104, 2004. e-ISSN 1806-938X. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-60832004000200006>.

PEREIRA, A. C. A. I.; DEL BEL, E. Metilfenidato: principal tratamento para o Déficit de Atenção e Hiperatividade: características neuroquímicas e seus efeitos em modelos experimentais. **Neurobiologia**, São Paulo, v. 73, n. 2, p. 127-139, abr./jun. 2010. ISSN: 1807-9865.

PESSANHA, F. F.; MOTA, S. J. Prevalência do uso de metilfenidato por universitários de Campos dos Goytacazes, RJ. **Vértices**, Campos dos Goytacazes, v. 16, n. 1, p. 77-86, jan./abr. 2014. ISSN 1809-2667. DOI <https://doi.org/10.5935/1809-2667.20140005>.

RASCADO, R.; MARQUES, L.; SOARES, A. K. A; PENA, B. C. D; FORGERINI, M. O uso de ritalina para melhorar a concentração e raciocínio de pessoas saudáveis. **Centro de Farmacovigilância da UNIFAL-MG**, [s. l.], n. 26, p. 2, maio 2014.

TETER, C. J.; MCCABE, S. E.; LAGRANGE, K.; CRANFORD, J. A.; BOYD, C. J. Illicit use of specific prescription stimulants among college students: prevalence, motives, and routes of administration. **Pharmacotherapy**, Lenexa, v. 26, n. 10, p. 1501–1510, out. 2006. e-ISSN 1875-9114. DOI <https://dx.doi.org/10.1592%2Fphco.26.10.1501>.

TSUDA, C. A.; CHRISTOFF, A. O. Avaliação do padrão de uso de estimulantes em uma faculdade de Curitiba-PR. **Cadernos da Escola de Saúde**, Curitiba, v. 1, n. 13, p. 116-132, 2015. ISSN 1984-7041.